

CYBERBULLYING: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA REDE PÚBLICA SOBRE O FENÔMENO.

RESUMO

Com o advento da Era Digital, além dos grandes benefícios para a sociedade contemporânea, uma grande onda de violência tem se instalado nos meios sociais de comunicação, gerando assim um cenário que tem preocupado grandes estudiosos. Muitos desses crimes têm a sua origem no contexto educacional público tornando o ambiente escolar como fundo de uma triste realidade muitas vezes ignorada e não tratada pelas instituições responsáveis. Esse trabalho tem por objetivo verificar a incidência de *Cyberbullying* na percepção de adolescentes alunos de escola pública de Curvelo/MG. Foi realizada uma pesquisa de campo com a aplicação de um questionário composto por 13 perguntas. Participaram da pesquisa 30 alunos, com idade de 15 a 19 anos e todos matriculados no Ensino Médio em uma escola pública de Curvelo. Foram encontrados casos de violência cibernética no contexto escolar, muitas vezes, a escola não tem estratégias de prevenção e de tratamento desses casos. A psicologia se faz relevante nesse contexto como forma de compreensão desse fenômeno e como contribuição para o desenvolvimento de estratégias de intervenção.

Palavras-chave: Adolescentes; *Cyberbullying*; Escola; Violência virtual.

ABSTRACT

With the advent of the Digital Age, in addition to the great benefits to contemporary society, a great wave of violence has settled in the social media, generating a scenario that has worried great scholars. Many of these crimes have their origin in the public educational context making the school environment as the background to a sad reality often ignored and not dealt with by the responsible institutions. This study aims to verify the incidence of *Cyberbullying* in the perception of adolescents students of public school of city Curvelo of state MG. A field survey was carried out with the application of a questionnaire composed of 13 questions. Participated in the study 30 students, aged 15 to 19 years and all enrolled in High School in a public school in Curvelo. Cases of cyber-violence have been found in the school context, often the school does not have strategies for prevention and treatment of these cases. Psychology becomes relevant in this context as a way of understanding this phenomenon and as a contribution to the development of intervention strategies.

Key words: *Cyberbullying*; School; Teenagers; Virtual violence.

1 INTRODUÇÃO

Bullying é uma palavra de origem na língua inglesa, definida como um ato consciente, programado e ofensivo, de um ou mais indivíduos, cuja finalidade seja maltratar ou ridicularizar outros indivíduos. (SOUZA *et al.*, 2014). O *Bullying* é frequentemente praticado em ambientes escolares, entre crianças e adolescentes; apesar de não ser um fenômeno novo, tem norteadas discussões atuais em razão dos efeitos sociopsicológicos que tem causado na vida de muitos indivíduos (ANDRADE, 2013).

Um fenômeno mais recente e decorrente das práticas de *bullying* tem surgido e despertado a atenção de muitos estudiosos pelos efeitos assoladores que tem causado nas suas vítimas e agressores. O *Cyberbullying*, termo também de origem inglesa, é compreendido como a violência do *bullying* por meio de recursos tecnológicos atuais, tendo sua maior recorrência em telefones celulares e internet (SOUZA *et al.*, 2014). O ato é uma prática que remete a hostilização do próximo por meio de tecnologias da informação. Envolve a afirmação de comportamentos nocivos, maldosos e repetidos contra uma pessoa.

Levando em consideração o bem-estar dos indivíduos envolvidos no processo, a presente pesquisa parte do seguinte problema: qual a incidência dos casos de *cyberbullying* nos contextos educacionais públicos? A principal finalidade deste trabalho é compreender se há casos de *cyberbullying* no ensino médio de colégios públicos da cidade de Curvelo/MG. Os objetivos específicos dessa pesquisa é compreender como a violência cibernética influencia a formação acadêmica e a relação interpessoal e de bem-estar desses adolescentes, assim como apresentar se há métodos de enfrentamento e como eles percebem a construção e eficácia desses métodos.

Deste modo, a relevância dessa pesquisa é justificada devido à necessidade de produção de conhecimento acerca dos impactos do *cyberbullying* provenientes de ações de *bullying* geradas no contexto educacional. Tem por princípios, a busca do bem-estar dos adolescentes e do desempenho acadêmico de escolares a partir da perspectiva dos adolescentes envolvidos no fenômeno, já que com o advento das novas tecnologias e o uso maciço por parte de crianças e adolescentes, tem gerado a adoção das mesmas por parte das instituições de ensino como ferramentas de aprendizagem, os casos de crimes virtuais têm aumentado no ambiente escolar. Assim sendo, a escola tem por necessidade acompanhar os casos que emergem em seus territórios e causam impactos incisivos nas crianças e adolescentes, influenciando assim os seus relacionamentos interpessoais e o seu desempenho em atividades acadêmicas. Por fim, a presente pesquisa deseja contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno, e a necessidade de intervenções e estratégias preventivas para que uma melhor consciência da utilização das novas tecnologias alcance as crianças e adolescentes no contexto educacional.

Nesse sentido, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica seguida de uma pesquisa de campo, a fim de verificar se há incidência de casos de crime cibernético no contexto público de Curvelo/MG. Houve uma participação de 25 alunos de colégios públicos e a análise dos dados foi de caráter quantitativo. Foi constatado durante a análise que 56% dos alunos que responderam ao questionário afirmaram que o tema *bullying* é abordado na escola,

e que 72% já foram alvo dessa violência. Já quanto ao *cyberbullying* a incidência é menor, mas existente, visto que 20% afirmaram ter praticado esse ato.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Bullying é um termo proveniente da língua inglesa e que não possui um sinônimo equivalente na língua portuguesa. É explicado como um ato consciente, programado e ofensivo, de um ou mais indivíduos, cuja finalidade seja ridicularizar ou agredir verbalmente ou emocionalmente outros indivíduos (SOUZA *et al.*, 2014). Normalmente tendo como cenário uma assimetria de poder, é caracterizado por uma desigualdade de tamanho, de desenvolvimento emocional ou físico, idade ou ainda de apoio dos demais alunos (MAIDEL, 2009). De acordo com o Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar (CEMEOBES), no seu site, os indivíduos vítimas desse tipo de violência, tendem a ter perdas na socialização com outras pessoas, além de um rebaixamento da autoestima e uma tendência a isolamento como forma de defesa contra novos violadores e outras formas de violência, além de uma insistente negação ao ambiente escolar.

Na contemporaneidade, há uma convivência como argumenta Maidel (2009), “com um agravante a mais, que poderia até ser considerado uma evolução na manifestação do próprio bullying, o chamado *Cyberbullying*” (p. 115). Caracterizado pela utilização das novas tecnologias da informação, tendo seu grande ápice com as redes sociais, esse tipo de violência é caracterizado pela disseminação do comportamento hostil repetitivo, sendo objetivada pelo desejo proposital de injúria, calúnia ou de prejuízo para o bem estar social e psicológico de determinada pessoa (BELSEY, 2009).

Favorecido pelo anonimato das redes sociais e das novas tecnologias, essa recente configuração de violência tem cercado a realidade de muitos estudantes pelo mundo afora. Não mais com a característica marcante da assimetria de poder, o crime cibernético parece ser praticado por qualquer jovem e adolescente, independente da idade, do desenvolvimento emocional e psíquico e do apoio dos demais colegas. Sendo assim, qualquer indivíduo pode vir a ser um agressor nas redes sociais, o que muitas vezes agrava a situação dos envolvidos, por não saberem quem é e quantos são (MAIDEL, 2009).

Essa configuração de violência pode ser entendida como uma extensão dos conflitos já presentes na nossa sociedade e que ganharam uma nova forma de se manifestar. Mesmo com toda a evolução social, cultural e tecnológica, as exteriorizações de violência não deixaram de existir na sociedade contemporânea. Com a Era Digital, o surgimento das novas redes sociais

e formas de comunicação, houve uma maior amplificação desses casos de violência que já tinha presença marcada na sociedade (SCHNEIDERS; SOEHN, 2015).

Há algumas décadas, pouco ou quase nada se ouvia falar da internet e do seu uso. Esse processo de adaptação entre uma sociedade com poucos recursos virtuais para uma sociedade com grande influência desse meio, ressalta nos adolescentes uma sensação maior de independência e de autonomia, características que já são presentes nessa fase de vida, ao mesmo tempo que é de grande complexidade o “controle” desse processo de transição vivido pela sociedade contemporânea e que gera em muitas situações a incidência dessa nova vertente de criminalidade. Toda essa revolução virtual tem como combinação uma série de fatores/variáveis que contribuíram para a sua rápida expansão na atualidade como várias medidas dos governos federais através do setor das telecomunicações com finalidade de possibilitar um maior acesso de toda a população (BENAKOUCHE, 1997).

No crime cibernético assim como no *bullying*, é possível a classificação de todos os envolvidos no processo por quatro diferentes papéis ou grupos. O primeiro é composto pelos agressores, podendo ser no crime virtual qualquer pessoa, diferentemente do crime do *bullying* no qual a assimetria de poder está introduzida. No segundo, é possível perceber as vítimas, e segundo os pesquisadores da área são os que mais sofrem com todo o processo de violência estabelecido, podendo apresentar consequências posteriores dessa exposição. Os expectadores passivos são o terceiro grupo de envolvidos no fenômeno e são comumente pessoas que testemunham de forma silenciosa todo o fato estabelecido. E por fim, as vítimas agressoras formam o quarto grupo, podendo ser apresentados como os que já foram vitimados e se tornaram agressores, ou pelo menos assumem os dois papéis no processo de violência estabelecido (WENDT *et al.*, 2010).

Os jovens têm grandes dificuldades de lidar com as diferenças - os conflitos entre eles são comuns e fazem parte da afirmação da identidade. A prática da violência virtual é exatamente essa manifestação de forma exacerbada (FREIRE *et al.*, 2006). Essa prática é muito grave e não deve ser vista como brincadeira entre colegas, porque pode trazer sérios problemas sociais e psíquicos para a vítima. Esta muitas vezes, necessita procurar ajuda de seus progenitores e docentes, relatando os fatos para que possam tomar as medidas necessárias.

Vale a pena lembrar que, a violência no contexto escolar tem tomado proporções inimagináveis no cenário atual, o que tem gerado um grande incômodo aos atores sociais desse campo. De acordo com Francisco e Libório (2009), grandes teóricos dessa temática, “a escola, multifacetada, vem presenciando situações de violência que estão tomando proporções

assustadoras em nossa sociedade. As situações de violência anteriormente esporádicas se tornaram uma constante em nossos dias” (p. 200). Essa vivência tem resultado em uma difícil relação entre alunos, professores e educadores, comprometendo a aprendizagem, o progresso social e psíquico dos envolvidos.

A problematização e discussão do assunto têm ganhado as salas de aula em diferentes perspectivas e formas pelo mundo inteiro. Sendo o ambiente escolar um grande favorecedor para a manifestação dessas práticas de violência (FREIRE *et al.* 2013), a participação da instituição no processo de enfrentamento desses crimes tem sua relevância justificada na conscientização e respeito pelas diferenças. A sala de aula se constitui como um bom *setting* para o trabalho de psicólogos, educadores e pedagogos a fim de alertarem e esclarecerem aos adolescentes e jovens a necessidade de fazerem bom uso das redes sociais, das mensagens e *e-mails* acessíveis a partir do advento da Era Tecnológica, e das possíveis penalidades jurídicas cabíveis a partir da denúncia de um crime virtual (CASSADO, 2011).

A escola é um ambiente onde as pessoas podem estabelecer relações de confiança saudáveis e amigáveis, podendo assim ocupar um papel de fortalecimento desses vínculos pré-estabelecidos. Dessa forma, não é cabível pensar em práticas de enfrentamento da violência cibernética a partir de uma óptica individualizada, mas sim a partir de um amplo campo de enfrentamento, podendo favorecer não somente a sala de aula, mas todo o contexto educacional em suas diversas dimensões. Para isso, é importante que os profissionais envolvidos estejam atentos aos sinais emitidos pelos agentes sociais de cada esfera, podendo assim ser possível uma maior amenização nos impactos psicossociais emitidos pelo crime cibernético e uma redução de danos para os alunos e para o contexto educacional de forma geral (WENDT *et al.*, 2010).

Diante da complexidade do assunto, muitos teóricos afirmam a necessidade de uma legislação específica para esse tipo de crime que vem se multiplicando no cenário atual. Muito se tem avançado em nossa legislação, mas nada que abrange restritamente os casos de *cyberbullying*. Recentemente, em 2014, foi assinada a Lei do Marco Civil, de nº 12.965/14, sancionada pela então Presidente da República, Dilma Rousseff, mas que ainda se torna insuficiente diante da realidade virtual brasileira. A legislação ainda permite muitas lacunas diante da ocorrência do crime cibernético, sem que possa favorecer a polícia uma maior atuação nesses casos de ocorrência (SIMPLICIO, 2014).

Alguns artigos da lei citada, teorizam possíveis punição para os praticantes do crime virtual mas, a grande dificuldade no contexto escolar se dá pelo fato da maioria dos agressores serem adolescentes menores de idade, muitas vezes considerados pela legislação brasileira

como imputável e não responderem pelos seus atos. A escola, sem uma orientação legal sobre a perspectiva da legislatura criminal, é exposta a esse conflito permanecendo desprotegida ao problema que cada vez cresce mais por falta de ação dos setores responsáveis (SIMPLICIO, 2014).

3 METODOLOGIA

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho foi realizado em duas etapas. A primeira consistiu em uma pesquisa bibliográfica, que possibilitou o melhor delineamento da teoria e dos estudos empíricos sobre o tema. Foram realizadas buscas de artigos científicos, dissertações e teses publicados em português nos principais bancos de busca como SciELO, PePSIC, BVS Psi e LILACS, utilizando os descritores: “Adolescentes; *Cyberbullying*; Escola; Violência Virtual”.

Em seguida, na segunda etapa, foi empreendida uma pesquisa de campo, na qual investigou-se a incidência de casos de *Ciberbullying* em uma escola da rede pública de Curvelo assim verificar se as ações de enfrentamento e prevenção do crime cibernético é eficiente diante da percepção dos alunos. A pesquisa de campo procura identificar alguns aspectos da variável pesquisada considerando uma maior profundidade e flexibilidade dos objetivos (GIL, 2002). Quanto à classificação, a segunda etapa da pesquisa apresenta a natureza descritiva, tipo de pesquisa onde são expostos aspectos de determinado grupo da população ou de determinado fenômeno sem que haja interferência do pesquisador sobre os dados pesquisados (GIL, 2002).

A pesquisa de campo teve por objetivo levantar dados quantitativos acerca da incidência de casos de *Cyberbullying* em uma amostra de alunos da rede pública de ensino de Curvelo-MG, assim como analisar qualitativamente os depoimentos dos alunos que já vivenciaram a violência do *Bullying* e suas percepções sobre as formas de enfrentamento adotada pela escola. De acordo com Terence e Escrivão Filho (2006), a pesquisa quantitativa permite a mensuração de opiniões, reações, hábitos e atitudes em um universo, por meio de uma amostra que o represente estatisticamente. Em relação a abordagem qualitativa é interessante ressaltar que na mensuração dos dados adquiridos, tem por principal finalidade aprofundar o conhecimento sobre o assunto, assim como propiciar um maior detalhamento de informações sobre o conteúdo pesquisado (MARCONI; LAKATOS, 2003).

3.2 COLETAS DE DADOS

3.2.1 Participantes

Participaram da pesquisa 25 alunos, sendo a idade média de 16,7 anos (DP=9,9), com idade mínima de 15 e máxima de 19. A maioria dos participantes é do sexo feminino (60%; n=15), todos matriculados em uma escola pública de Curvelo/MG.

3.2.2 Instrumentos

Para realização da pesquisa foi utilizado um questionário desenvolvido pelos próprios pesquisadores, no intuito de colher dados dos participantes, no qual possibilitassem a investigação da incidência de casos de *cyberbullying* e a inserção das novas tecnologias no contexto educacional da cidade de Curvelo.

Esse instrumento foi desenvolvido com treze perguntas abertas e fechadas que investigam aspectos relevantes, tais como: se os adolescentes já sofreram ou praticaram *bullying*, se têm conhecimento sobre a ocorrência de *cyberbullying* dentro da escola, além de informações sobre o uso da internet (em casa, na escola). Também pretendeu-se, por meio do questionário, o quanto os alunos estão informados sobre o assunto e qual a percepção que eles têm sobre a atuação da escola diante da ocorrência desses casos.

3.2.3 Procedimentos Gerais

Previamente à realização da coleta de dados, o presente trabalho foi submetido à avaliação pela Câmara de Ensino, Pesquisa e Extensão (CENPEX) da Faculdade Ciências da Vida. Após a aprovação pela câmara e demais setores competentes, foi realizado o convite à direção da escola da cidade de Curvelo-MG, para realização da pesquisa. Nesse momento foram apresentados os objetivos e aspectos éticos da mesma (aprovação da instituição e garantia de anonimato e sigilo das informações).

A partir da aprovação pelas escolas foi realizado o convite aos alunos. Aqueles que se interessaram em participar levaram para a casa os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que deveriam ser entregues no dia da coleta de dados assinados pelos responsáveis. Apenas participaram da pesquisa os jovens que devolveram o TCLE devidamente assinado. A orientação quanto ao preenchimento dos questionários foi realizado no horário das aulas antecipadamente estabelecidas com a direção. Desse modo, a coleta de

dados foi feita de forma coletiva e auto aplicada durante cerca de 20 minutos. A fim de garantir o sigilo das informações, as folhas de resposta preenchidas, as correções e uma via do TCLE assinado, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pelo trabalho por um período de cinco anos.

A pesquisa foi submetida à Câmara de Ensino, Pesquisa e Extensão - CENPEX da Faculdade Ciências da Vida, e acompanha as orientações do Conselho Federal de Psicologia (016/2000) e da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a respeito de pesquisas com seres humanos.

3.3 Análises de Dados

Após aplicação dos questionários as repostas foram tabuladas utilizando o programa *Microsoft Excel 2001*. Em seguida foram conduzidas análises de frequência com os dados quantitativos e análise de conteúdo com as questões abertas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As respostas às questões fechadas foram submetidas a análise de frequência, sendo apresentadas a seguir. De acordo com a pesquisa, 72% dos alunos (n=22) indicaram ter sido vítimas de piadas maldosas e ridicularização e 50% declarou não ter contado aos pais ou professores sobre as agressões (n=15). A partir desse resultado, podemos refletir sobre o papel da escola para a incidência do bullying em suas dependências, já que 60% (n=18) dos alunos responderam que o tema é tratado no ambiente escolar, mas o percentil de pessoas que afirmaram ter contado aos professores ou direção o episódio que sofreu violência é de 43% (n=13). Essa reflexão se faz necessária para a compreensão do papel da escola na prevenção de tais episódios, já que o seu ambiente é um lugar privilegiado para o surgimento dessas ocorrências.

Previamente às questões sobre a ocorrência de *cyberbullying* no contexto escolar, os participantes foram solicitados a informar sobre sua rotina de acesso à internet (Figura 1). Todos os 30 participantes têm acesso à internet, sendo que 53% (n=16) a utilizam enquanto estão na escola.

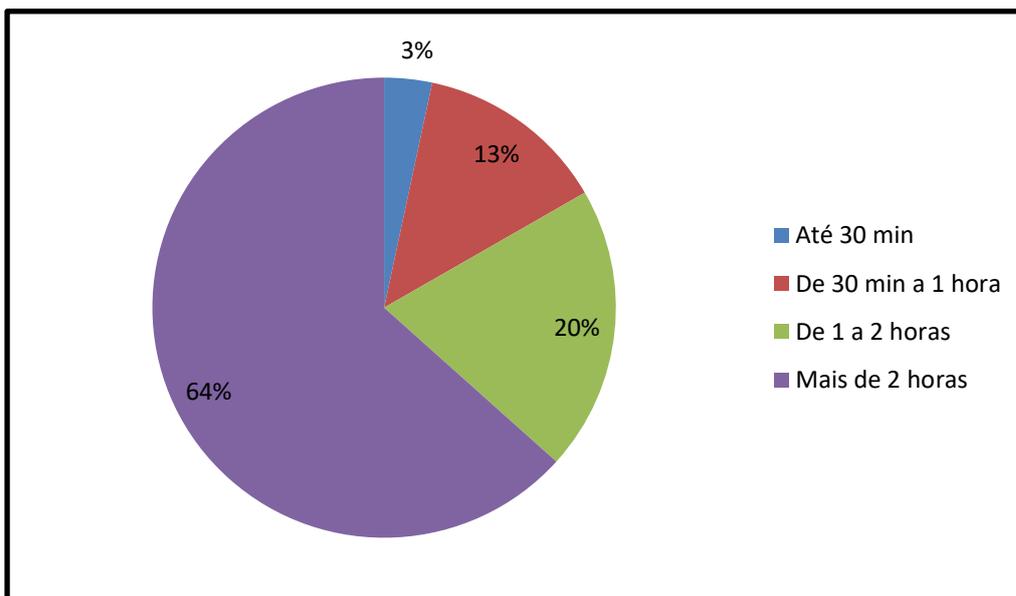


Figura 1. Utilização da internet pelos participantes da pesquisa

A maioria dos participantes (56%; n=16) informou ter algum conhecimento sobre o *Cyberbullying*. Com relação à ocorrência de tal violência, 87% (n=26) afirmaram ter recebido mensagens no telefone ou em redes sociais com o intuito de denegrir alguma pessoa, mas apenas 23% (n=7) indicaram ter enviado mensagens de mesmo teor.

Os adolescentes que haviam sido vítimas de *bullying* foram convidados a relatarem suas experiências. Percebeu-se que muitos alunos foram vítimas desse crime e grande parte concorda que a escola é falha no enfrentamento desse tipo de situação.

“no começo eu não liguei muito mais com o passar dos dias não queria sequer volta a ver aquelas pessoas mim sentir culpado por tudo aquilo que tava acontecendo. Vontade de não mim levantar da cama, so de pensar que iria encontra aquelas pessoas”(sic)(S.C.B.; 15 anos.);

“senti medo, insegura e bastante humilhada, já cheguei a ponto de não querer vir para a escola mais. O pior era que dava um vazio me sentia pior do que tudo e todos. Hoje em dia só continuo nessa escola por causa da minha mãe.” (sic)(I.V.S.; 16 anos);

“foi péssimo e por causa desses apelidos maldosos me levaram a me corta ou a palavra certa me automotilar quase me matei mais não tive sucesso” (sic) (F.R.L.; 17 anos)

Podemos perceber pelos relatos, o quanto o *bullying* pode gerar sensações desagradáveis e até mesmo traumáticas para os adolescentes que estão em processo de construção da identidade. Essa violência se não discutida e enfrentada, pode causar grandes danos para a convivência social desses adolescentes, podendo assim gerar uma barreira a

novas relações como modo de prevenção por parte deles e propiciar queda no desempenho escolar.

Sobre a atuação da escola diante das situações de *bullying*, verificou-se a recorrência de frases como “*não adianta*”; “*não tomam providências*” e “*falam que o aluno que é chato*”. É constatado nas falas dos alunos um descrédito quanto às possibilidades de intervenção da escola. Essa percepção dos alunos sobre a posição da instituição, nos intriga sobre as distâncias entre o discurso e a ação da escola (discurso: é discutido em salas de aulas conforme a tabela anterior. Ação: nada é feito quando casos de *bullying* e *cyberbullying* acontecem).

“Não. Só chamaram a polícia, não teve expulsão. E sobre eu ser vítima de piada somente foi a direção, mas não foi resolvido e nem questionado, só porque foi um professor que fez.” (sic)

(K.G.O.C.; 18 anos)

“Na verdade, a escola não possui uma estrutura que dê para acolher esses alunos, não possui um apoio psicológico” (sic)(F.S.P.; 17 anos)

“Quando contei para a minha mãe ela ficou com muita raiva. Falou para eu sentar uma pedra neles quando eles mexesse comigo na rua. Acabou que o meu irmão e o meu tio pegaram amizade com eles e aí eles pararam de mexer e mudaram de escola”(sic)(I.C.S.B.; 15 anos)

“Sim, na verdade eu mesma já pratiquei isso, chamei meu colega de classe de Preta Gil retrucando, pois ele me chamou de nanica, nunca tive preconceito, mas ele falou com a direção e eu não e chamaram a minha mãe na escola, mas conversamos e ela sabe que eu jamais fiz isso por mal”

(sic)(M.R.; 15 anos).

Recentemente o *bullying* assumiu, pelo advento da Internet, uma forma mais dinâmica e perigosa: o *cyberbullying* ou *bullying* virtual. Sendo que agora não há mais a necessidade de um confronto direto entre o agressor e a vítima, ele se dá de forma indireta por meio de mecanismos tecnológicos, alcançando maior amplitude de dano. Na pesquisa realizada, também é constatado um descrédito dos próprios alunos quanto a possibilidade de intervenção da escola nos casos emergentes de *bullying*, como já exposto anteriormente. Isso pode dificultar as ações de enfrentamento do problema por demonstrar que a visão ainda é restrita e não ampliada como o tema exige para uma maior discussão e alcance eficazes de intervenção.

Esse novo contexto de violência pelo ciberespaço que é habitado pela nova sociedade digital, que se utiliza das ferramentas de interatividade social disponibilizada pela Internet por

meio das redes sociais (*Facebook, Instagram, Youtube*), dos mensageiros instantâneos (*MSN, Skype*), das salas de bate-papos, dos blogs, entre outros. Na pesquisa realizada, 60% dos alunos afirmaram fazer uso de *smartphone* ou celular em alguns dias dentro da escola, o que viabiliza o acesso dos alunos aos diversos aplicativos de rede social. Quando perguntados sobre o uso de internet na escola, a maioria (52%) afirmou ter acesso durante o período letivo.

Já em relação à questão acerca da opinião dos alunos sobre como seria possível à redução da violência virtual no ambiente escolar (“Como você acha que o *bullying* e o *cyberbullying* podem ser reduzidos no ambiente escolar?”). Diante da pergunta muitos alunos responderam:

“*respeitando, pois tudo começa com respeito*” (sic) (K.G.O.C.; 18 anos);

“*eu acho que o bullying pode ser diminuído se a escola falasse mais sobre o assunto e se os alunos da escola solbesse sobre todas as consequências do que o bullying pode causar assim poderia ser reduzido mais o bullying no ambiente escolar*” (sic) (H.L.; 15 anos);

“*eu acho que os pais deveriam conversar mais com seus filhos porque ele pode estar feliz por fora, mas por dentro está triste se sentindo sozinho, sem alguém para ajudar ele, por isso acho importante*” (sic) (P.L.O.M.; 15 anos).

Um artigo publicado na Revista Ser Família (Lisboa; 2010) argumenta que as razões do *bullying* podem ser derivadas da “sociedade contemporânea, individualista, competitiva e que reforça a banalização de valores éticos, as noções de respeito ao outro”. A partir das argumentações dos respondentes, podemos perceber que uma considerável parte atribui à falta de respeito ao próximo, a falta de empatia e de humanização nas relações. Também é possível perceber nas respostas dadas que os efeitos dessa violência podem ser potencializados por um não acolhimento dos pais e da escola e que os mesmos precisam ter uma maior aproximação com os adolescentes a fim de compreenderem as suas vivências.

De acordo com Wendt (2010), no contexto escolar, diante das recorrentes agressões, as discussões e sistematizações das intervenções não podem mais ser pensadas de modo particular e privativo, ao contrário, necessita ser compreendida e estendida ao contexto escolar de modo geral, com ampla discussão e planejamento de intervenção. Algumas respostas sobre a discussão da redução do *bullying* e *cyberbullying* na escola abordam questões como a inserção de assistência psicológica, frequência maior de diálogo entre pais e filhos e amplificação das discussões no contexto escolar sobre o fenômeno, abrangendo todo o contexto no qual os adolescentes estão inseridos.

“fazendo murais e muitas palestras, para que todos possam perceber que não se trata de brincadeira, mostrando que as consequências são reais” (sic) (J.M.P.; 17 anos);

“penso que ainda há muito o que se fazer, falar mais sobre o assunto. Algo que ajudaria bastante seria o aluno ter um apoio psicológico dentro do ambiente escolar” (sic) (F.S.P; 17 anos).

Foi possível verificar que já existe uma consciência sobre o problema do *bullying* e a maioria já percebe a conduta como sendo uma violência real e não um modismo ou brincadeira como outrora se imaginava. Essa mudança de consciência sobre o fenômeno facilitando uma maior discussão do problema, assim como uma maior abertura para os métodos de enfrentamento e prevenção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é um dos grandes danos que tem assolado os adolescentes e jovens no contexto escolar. O *cyberbullying*, considerado por muitos teóricos na área como uma imersão da violência do *bullying* no contexto virtual, tem chamado cada vez mais a atenção dos profissionais, sendo cada vez mais pesquisada e discutida por diversas áreas, e em especial, pelos profissionais da psicologia.

Nesse sentido, as pesquisas específicas sobre a visão dos alunos acerca do fenômeno têm grande importância devido ao cenário vivenciado por eles. Isso porque o ambiente escolar é repleto de conflitos que acabam gerando assim a violência cibernética. A partir da presente pesquisa constata-se a primeira hipótese de que seria possível encontrar incidência de *cyberbullying* dentro da escola pesquisada. A pesquisa teve interessante resultado ao apresentar que a maioria dos alunos já vivenciou casos de violência verbal ou ridicularização por parte de colegas.

Nesse sentido, outros estudos se mostram necessários para melhor compreender esses fatores e comprovar os dados com amostras maiores, sendo que é precária na área a utilização desse meio de comprovação da teoria. Dentre algumas limitações da pesquisa pode-se destacar o fato de que este estudo foi realizado em uma escola pública apenas da cidade de Curvelo (MG), e acredita-se que, por se tratar de uma pesquisa com caráter pessoal e envolver a auto avaliação, houve certa dificuldade em envolver maior quantidade de participantes. Nesse mesmo sentido, deve-se considerar ainda que a quantidade de participantes desta

pesquisa não é uma amostra representativa da população de alunos da rede estadual de educação de Curvelo (MG), o que faz com que os dados obtidos não possam ser generalizados. O tempo limitado para o desenvolvimento da pesquisa de campo também configurou-se como limitação do estudo, pois interferiu na possibilidade de abordar outras escolas, comprometendo a heterogeneidade da amostra.

Após a conclusão deste estudo, percebe-se a necessidade de outras pesquisas para verificar maiores dados estatísticos sobre a incidência desse crime virtual nas escolas, que forneçam informações para implementação de estratégias de prevenção e intervenção que possibilitem a promoção da saúde psíquica dos adolescentes. Desta maneira, espera-se que este projeto proporcione conhecimento aos estudantes de psicologia que se identificam com a área pesquisada e os estimulem a promover novos estudos neste sentido.

Acredita-se que trabalhos futuros poderiam ser desenvolvidos com amostras maiores, visando mapear o desenvolvimento do *Cyberbullying* nas escolas públicas do Brasil, principalmente em Minas Gerais. Tais pesquisas poderiam ter como objetivo não apenas a investigação de incidência, mas o levantamento e avaliação de estratégias de prevenção desse fenômeno nessa população, considerando que tais estratégias promoveriam melhor qualidade de vida para os alunos, e conseqüentemente, melhorias na qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L C F. **Bullying e Cyberbullying**: Um estudo num contexto escolar particular cooperativo. *Universidade da Madeira*, 2012.
- BELSEY, B. *Are you aware of, or are supporting someone who is the victim of cyberbullying? In What can be done about cyberbullying?* Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca/info.html> (acesso em 20/03/2017).
- BENAKOUCHE, T. **Redestécnicas/redessociais**: A pré-história da internet no Brasil. USP, 1997.
- CASSADO PESCAROLI, A G. **Cyberbullying**: Violência virtual e o enquadramento penal no Brasil. *Revista Âmbito Jurídico*. Rio Grande, 2011.
- CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDOS E ORIENTAÇÕES SOBRE O BULLYING ESCOLAR (CEMEOBES). Disponível em <http://www.cemeobes.com.br/> (acesso em 20/11/2016).
- FRANCISCO, M V; LIBÓRIO, R M C. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. *Revista Reflexão e Crítica*, 2009.
- FREIRE, I; ALVES, M M; BREÍIA, A P; CONCEIÇÃO, D; FRAGOSO, L. **Cyberbullying e Ambiente Escolar**: Um estudo exploratório e colaborativo entre Escola e Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2013.
- FREIRE, I; VEIGA SIMÃO, A M; FERREIRA, A. **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico** – Um questionário aferido para a população portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 2006.
- GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARCONI, M A; LAKATOS, E M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MAIDEL, S. **Cyberbullying**: Um novo risco vindo das tecnologias da digitais. *Revista Reid*. Santa Catarina, 2009.
- MELO, J. A. **Cyberbullying**: a violência virtual. 2. ed. Recife: Edupe, 2011. 120 p.
- SCHNEIDERS, M; SOEHN, R C. Crimes virtuais e competências para apuração. FAI, 2015.
- SIMPLICIO, T. D. C. **Cyberbullying**: como a escola pública tem reagido ao uso inadequado da internet, no espaço escolar sem uma legislação específica que o defina. Universidade Estadual da Paraíba, 2014.
- SOUZA, S B; CAETANO, A P; SIMÃO, A M V. **Cyberbullying**: Percepções acerca do Fenômeno e das Estratégias de Enfrentamento. *Revista Reflexão e Crítica*, 2014.
- WENDT, G W; CAMPOS, D M; LISBOA, C S M. **Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar**: *bullying, cyberbullying* e os desafios para a educação contemporânea. *Cadernos de Psicopedagogia*. São Paulo, 2010.